

Concílio de Niceia: (João 1:1, 14) O Verbo Era Deus: A Fé de Niceia e a Definição da Divindade de Cristo

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Estudos Bíblicos | Data: 15/11/2025 21:29

1. O Contexto Histórico: Do Fim das Perseguições ao Chamado de Constantino

Para compreender a magnitude do Concílio de Niceia (325 d.C.), devemos primeiro olhar para o mundo turbulento do qual a Igreja emergiu. Por quase trezentos anos, ser cristão significava viver sob a sombra da ameaça. O Império Romano, em sua vasta maioria, via a fé em Cristo como uma superstição perigosa, uma ameaça à ordem estabelecida e uma afronta aos seus deuses.

Os crentes suportaram ondas de perseguição, culminando na mais severa e sangrenta de todas: a perseguição de Diocleciano, no início do século IV. Este imperador não media esforços para tentar extirpar o cristianismo. Bens foram confiscados, igrejas destruídas, e inúmeros fiéis — homens, mulheres, idosos e jovens — enfrentaram a tortura e o martírio por se recusarem a negar seu Senhor. Santos como São Sebastião, Santa Inês e tantos outros deram suas vidas como testemunho.

No entanto, o plano divino para a Igreja é irreprimível. A história mudou drasticamente com a ascensão de Constantino. Após a abdicação de Diocleciano, o império mergulhou em disputas internas. Constantino, lutando pelo controle, teve uma experiência que mudaria o curso da história. Segundo os historiadores cristãos da época, antes de uma batalha decisiva em Roma (a Batalha da Ponte Mílvia, 312 d.C.), ele teve uma visão ou sonho com o sinal da cruz e ouviu as palavras: "Neste sinal vencerás".

Ao obter a vitória, Constantino atribuiu seu triunfo ao Deus dos cristãos. Em 313 d.C., ele e Licínio (imperador do Oriente) promulgaram o **Édito de Milão**. Este documento não tornou o cristianismo a religião oficial, como muitos supõem erroneamente, mas concedeu algo que a Igreja ansiava por séculos: a liberdade religiosa.

Pela primeira vez, os cristãos puderam adorar a Deus abertamente, sem medo da morte. Os bens que haviam sido confiscados foram restituídos, e a Igreja, que antes se reunia em catacumbas e casas secretas, pôde erguer suas bases à luz do dia.

Essa nova paz, contudo, trouxe um novo desafio. Enquanto Licínio, no Oriente, eventualmente retomou perseguições localizadas, Constantino consolidou seu poder, derrotando-o finalmente em 324 d.C. e unificando o império. Agora, como único imperador, Constantino via a fé cristã não apenas com bons olhos, mas como uma força potencial de união para seu vasto território.

Foi precisamente nesse momento de liberdade que uma profunda crise teológica, que fervilhava internamente, explodiu. Com a paz externa assegurada, a Igreja precisava agora enfrentar uma batalha interna pela sua alma, uma batalha sobre a própria identidade de seu Salvador.

2. A Crise Ariana: A Doutrina Que Ameaçava a Igreja

Com a Igreja finalmente livre da perseguição externa, uma profunda crise doutrinária emergiu de dentro dela, originada em Alexandria, um dos maiores centros intelectuais do mundo antigo. O protagonista dessa crise foi **Ário**, um presbítero (um líder e mestre) respeitado e popular.

Ário começou a ensinar uma doutrina sobre a natureza de Cristo que soava lógica para muitos, mas

que feria o coração da fé apostólica.

O cerne do ensinamento de Ário era o **subordinacionismo**. Ele ensinava que, se Deus Pai é o único Deus verdadeiro, eterno e incriado, então o Filho (Jesus Cristo) não poderia ser o mesmo.

Para Ário, Jesus era a **primeira e mais perfeita de todas as criaturas de Deus**. Ele argumentava que, para Deus criar o universo, Ele primeiro criou o *Logos* (o Verbo, Cristo) do nada. Segundo essa visão:

- Houve um tempo em que o Filho "não existia".
- O Filho foi criado, não "eternamente gerado".
- Portanto, Cristo não era da *mesma substância* (em grego, *homoousios*) do Pai. Ele era de uma substância *semelhante* (*homoiousios*), mas fundamentalmente diferente e inferior.

Essa visão transformava **Jesus em um ser intermediário — mais do que um homem, mas menos do que Deus**.

Por que isso era tão perigoso?

A doutrina ariana era atraente para a mentalidade greco-romana, que já estava acostumada com a ideia de "demiurgos" (seres divinos menores que criam o mundo) e heróis semidivinos. O arianismo apresentava um Jesus "naturalista", mais fácil de assimilar filosoficamente do que o mistério da Encarnação.

No entanto, para os bispos e teólogos fiéis à Tradição Apostólica, como Santo Alexandre de Alexandria e seu diácono, Atanásio, essa doutrina era devastadora.

Se Jesus Cristo fosse uma criatura, mesmo a mais elevada, Ele não poderia ser o Salvador. A fé cristã se baseia no fato de que **somente Deus pode salvar**. Se Jesus não fosse plenamente Deus, seu sacrifício na cruz teria sido o de um mártir perfeito, mas insuficiente para redimir toda a criação do pecado.

A doutrina ariana esvaziava a cruz de seu poder salvífico e negava a verdade central proclamada pelo Apóstolo João:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai." (João 1:1, 14, Almeida Revista e Atualizada)

A controvérsia se espalhou como fogo. Bispos tomaram partidos, o povo se dividiu, e o debate teológico transbordou para as ruas. O Imperador Constantino, vendo que a fé que ele esperava que unisse o império estava agora ameaçando dividi-lo, tomou uma atitude sem precedentes: ele convocou o primeiro Concílio Ecumênico (mundial) da história.

3. A Resposta de Niceia: Afirmando a Fé Apostólica na Trindade

No ano de 325 d.C., cerca de 318 bispos de todo o Império Romano — muitos dos quais ainda carregavam em seus corpos as cicatrizes físicas das perseguições de Diocleciano, como olhos vazados e marcas de tortura — reuniram-se na cidade de Niceia. O imperador Constantino inaugurou o concílio, instando-os a encontrar a paz e a unidade, mas a autoridade doutrinária repousava sobre aqueles homens, os guardiões da fé.

A preocupação central dos padres conciliares não era *inventar* uma nova doutrina ou *decidir* o que a Igreja passaria a crer. Sua missão era **definir e articular claramente aquilo que a Igreja**

sempre acreditou desde os tempos dos apóstolos, em resposta direta ao desafio de Ário.

O Debate Central: *Homoousios* vs. *Homoiousios*

O debate foi intenso. Ário defendeu sua posição, mas encontrou oposição feroz, mais notavelmente do jovem diácono **Santo Atanásio de Alexandria**. Atanásio argumentou com vigor que a salvação da humanidade dependia inteiramente da plena divindade de Cristo.

A discussão técnica girou em torno de uma única letra do alfabeto grego, que marcava a diferença entre a fé ortodoxa e a heresia:

1. **A Posição Ariana (Heresia):** Cristo era *Homoiousios* (de substância *semelhante*) ao Pai.
2. **A Posição Ortodoxa (A Fé):** Cristo era *Homoousios* (da *mesma* substância) do Pai.

Os arianos estavam dispostos a chamar Jesus de "divino" ou "deus" em um sentido menor, mas se recusavam a aceitar o termo *homoousios*. Para os bispos ortodoxos, essa palavra era a única que protegia a verdade bíblica de que Jesus não é uma criatura, mas o próprio Criador encarnado.

A Igreja em Niceia afirmou que a fé recebida dos apóstolos ensinava que Jesus é "Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro". Eles buscaram fundamento nas Escrituras que atestavam essa identidade:

"Eu e o Pai somos um." (João 10:30, ARA)

"Disse-lhe Jesus: 'Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?'" (João 14:9, ARA)

O Credo Niceno: A Declaração da Fé

Para encerrar a controvérsia e fornecer à Igreja uma declaração de fé unificada e inequívoca, o Concílio redigiu um *Credo* (do latim, "Creio"). Este documento, conhecido hoje como o Credo Niceno, tornou-se a base da ortodoxia cristã para todas as tradições principais (católica, ortodoxa e protestante).

O Credo afirmava, em linguagem filosófica precisa e teologicamente blindada:

"Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, **gerado do Pai, unigênito, isto é, da mesma substância do Pai**; Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; **gerado, não criado**, consubstancial (*homoousios*) ao Pai; por quem todas as coisas foram feitas [...]"

Ao declarar Cristo como "gerado, não criado", o Concílio destruiu o pilar central do arianismo. A geração é um ato eterno dentro da própria Divindade (como a luz que eternamente emana do sol), enquanto a criação é um ato no tempo, feito "do nada".

Niceia foi um triunfo da fé apostólica, mas a batalha estava longe de terminar.

4. O Legado de Niceia: A Luta pela Verdade e a Confirmação da Fé

Engana-se quem pensa que o Concílio de Niceia resolveu imediatamente a crise ariana. Na verdade, a assinatura do Credo foi apenas o início de uma batalha espiritual e política que duraria décadas.

Muitos bispos que assinaram o Credo o fizeram sob pressão do imperador, mas retornaram às suas dioceses e continuaram a promover ou a tolerar simpatias arianas. O próprio Constantino, no fim de sua vida, cansado das polêmicas e influenciado por conselheiros arianos como Eusébio de Nicomédia, suavizou sua posição e readmitiu Ário e seus seguidores.

O que se seguiu a Niceia foi uma explosão da crise. O arianismo ganhou força política, e o filho de Constantino, Constâncio II, que governou a parte oriental do império, era um ariano convicto. Ele usou o poder do Estado para impor o arianismo, perseguindo e exilando os bispos que defendiam a fé de Niceia.

O maior campeão de Niceia foi **Santo Atanásio**, que havia se tornado bispo de Alexandria. Por sua recusa inflexível em se comprometer com a heresia ariana ou semi-ariana, Atanásio foi exilado de sua sé episcopal por cinco vezes. Sua vida tornou-se um testemunho vivo da verdade de Niceia, sob o lema *Athanasius contra mundum* ("Atanásio contra o mundo"). Ele, juntamente com outros santos padres, como Santo Hilário de Poitiers, manteve a chama da ortodoxia acesa, mesmo quando parecia que o mundo inteiro havia se voltado para a heresia.

A luta só foi resolvida teologicamente no **Primeiro Concílio de Constantinopla, em 381 d.C.** (convocado pelo Imperador Teodósio, que fez do cristianismo niceno a religião oficial do império). Este concílio não apenas reafirmou a divindade de Cristo como definida em Niceia, mas também expandiu o Credo para afirmar claramente a divindade do Espírito Santo, combatendo novas heresias que haviam surgido.

"...E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai; e que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado..." (Credo Niceno-Constantinopolitano)

O legado de Niceia, portanto, não é apenas um documento antigo, mas a própria fundação da fé cristã trinitária. Ele estabeleceu o consenso duradouro de que o Deus que adoramos é Um em essência e Trino em Pessoas.

Niceia nos ensina que a fé não é definida por imperadores ou pela opinião popular, mas pela revelação divina guardada pela Igreja. Ensina-nos que a verdade sobre quem é Jesus não é uma questão secundária, mas o alicerce da nossa salvação. A fé de Niceia é a declaração de que nosso Salvador não é uma criatura, mas o Criador; não um semideus, mas "Deus verdadeiro de Deus verdadeiro", que se fez carne para que pudessemos ser salvos.

1700 ANOS DO CONCÍLIO DE NICÉIA: PE. EDUARDO, STHATIS E SAYÃO - Inteligencia Ltda.
Podcast #1698, https://www.youtube.com/watch?v=Sh6L3n2V1_4